

Rebanho político a caminho das urnas

PMDB ganha o 11º deputado distrital, reforça a candidatura ao governo, mas começa a criar uma situação de disputa pelas vagas à Câmara

Lauro Aires
Da equipe do Correio

O deputado distrital evangélico Adão Xavier passou a engrossar, desde a última quinta-feira, o rebanho do PMDB. O partido passa a ter 11 dos 24 deputados distritais. Uma força indiscutível na Câmara Legislativa, tangida pelo pastor Luiz Estevão e que segue os dogmas do *cardeal* Joaquim Roriz.

Mesmo sendo ironicamente classificado pelos adversários como "o grande depositário — onde cabem todas as tendências, credos e convicções", o partido continua aumentando. Resta saber se realmente cresce ou apenas incha.

Para os peemedebistas que vão concorrer a cargos majoritários, como o ex-governador Joaquim Roriz (candidato ao governo) e Luiz Estevão (candidato ao senado), o partido cresce. Para os outros distritais e líderes comunitários, nem tanto. Está mais para inchaço. Embora não admitam abertamente, estão preocupados com o número de concorrentes dentro da mesma sigla.

Por causa da legislação eleitoral — que calcula o número de vagas obtidas por cada legenda para depois

distribuí-las entre os melhores colocados —, os candidatos de um mesmo partido a cargos proporcionais acabam competindo entre si. As eleições transformam-se em uma feroz disputa interna. É provável que o baixo clero do partido não continue rezando unido com a proximidade das eleições do ano que vem.

Antes mesmo da entrada do expelista Adão Xavier, essa discussão já havia voltado à tona com o ingresso de dois novos deputados distritais no partido, ambos oriundos do PSDB: Marcos Arruda e José Edmar.

CHAMPANHE

Para o presidente do PMDB, deputado distrital Odilon Aires, os dois vieram preencher lacunas do partido em regiões importantes do Distrito Federal. "Fora o Luiz Estevão, que obteve votos em todo o Distrito Federal, não tínhamos nomes fortes no Plano Piloto (Marcos Arruda) e em Taguatinga (José Edmar)", analisa Odilon. Como presidente do partido, é Odilon quem dá as boas vindas e abre a champanhe em público. Mas, no escuro de seu gabinete, sabe que são mais dois para dividir os votos puxados por Roriz e Estevão.

Para os dois ex-tucanos recém-chegados no PMDB, tudo bem. Acabaram unindo o inevitável ao politicamente lucrativo. No caso de Marcos Arruda, o PMDB é o lugar mais confortável para defender benesses para os funcionários públicos — sua principal base eleitoral.

Isso porque o PSDB, no âmbito nacional, defende a reforma do estado, quebra de estabilidade, arrocho salarial. E o PT, tradicionalmente alinhado com as causas dos servidores, tem de administrar a caótica e onerosa folha de pagamento do Governo do Distrito Federal. Portanto, benesses para servidores, nem pensar.

DEPUTADO ERRANTE

José Edmar, por sua vez, defensor ardoroso da cidade da estrutural, ponta-de-lança das invasões, volta ao partido do grupo político que teve como bandeira a distribuição de lotes e a criação de assentamentos. Edmar é o deputado que fornece carros-pipas a invasões e mantém contato constante com seus moradores. Seja pessoalmente, seja por meio de seus "gabinetes móveis" — Kombis pintadas com um logotipo amarelo, em forma de casa, que recebem reclamações da comunidade.

O senador José Roberto Arruda, principal nome do PSDB local, encarou com aparente naturalidade a saída de Arruda e Edmar de seu partido. "Eles tinham idéias diferentes das nossas" — disse. "É sempre ruim perder parlamentares. Mas entre perdê-los e mudar nossas convicções, ficamos com a primeira hipótese", explicou.

O caso de Adão Xavier é um pouco diferente. O deputado

andou errante, sem partido, a maior parte de seu mandato. Eleito com o apoio de Osório Adriano (PFL), voltou ao berço pelista há pouco mais de um mês. Mas, o próprio Adão Xavier tratou de explicar sua segunda saída do partido, na mesma legislatura: "Minhas bases são rorizistas, não posso ficar contra elas", declarou, da tribuna do plenário, na quinta-feira.

Estevão comemorou: "Agora nosso quadro está completo. Precisávamos de alguém forte em Samambaia e entre os evangélicos. Adão era esse nome". Disse que não há inchaço no partido e preferiu alfinetar o grupo do senador Arruda: "A terceira via acabou na Câmara".

POUCAS VAGAS

A chegada de mais três deputados no barco peemedebistas, além de preocupar seus colegas de legenda, certamente tirou o sono de líderes comunitários que precisam de espaço para concorrer. A líder da invasão da estrutural, Marlene Mendes, por exemplo, já está sendo demovida da idéia de se candidatar para não dividir votos com José Edmar.

Alguns ex-distritais da bancada de apoio a Roriz, na primeira legislatura da Câmara, também tentarão voltar. É o caso de Rosemary Góes, filiada ao PMDB, que atualmente tem um programa na Rádio OK, de propriedade de Luiz Estevão.

Mas o líder da bancada peemedebista na Câmara, Tadeu Filippelli,

diz que não há com o que se preocupar: "Tem espaço para todos", costuma repetir. De acordo com a atual lei eleitoral, o PMDB, se fizer alguma coligação (e certamente o fará), pode lançar até 46 candidatos: 24 referentes ao número de cadeiras na Câmara, 12 (metade das cadeiras) por causa da coligação e mais 10 candidatos à reeleição (os atuais deputados distritais).

Filippelli, em sua projeção, calcula que o partido consiga pelo menos 12 vagas. Como apenas Luiz Estevão se dispôs a alçar vãos mais altos, os outros nove tentarão a reeleição. Ou seja, três vagas para o restante dos candidatos peemedebistas.

Odilon Aires, entretanto, tem uma solução prática para a difícil

equação de encaixar tantos candidatos em poucas vagas: eleger o governador. Caso assuma o poder executivo, o partido nomeará vários deputados distritais para secretarias e administrações regionais, abrindo vagas para os suplentes. "Essas composições são inevitáveis", admite Odilon.

PEDAÇO RECHEADO

Para que não exploda uma crise nas suas bases (o PMDB tem 31 mil filiados no Distrito Federal), Joaquim Roriz — que é quem autoriza todas as novas aquisições do partido — precisa usar toda sua habilidade política nessas composições.

Além de darem como certa a cooptação de dois deputados fede-

rais do PPB (Jofran Frejat e Benedito Domingos), os peemedebistas vêm alardeando há mais de uma semana a entrada de dois nomes de peso no partido. O xerife da receita no governo Itamar Franco, o tributarista Osiris Lopes Filho, e o ex-secretário de obras do governo de José Aparecido, o arquiteto Carlos Magalhães, que estão sendo convidados por Joaquim Roriz.

Osiris sairia para deputado federal e Magalhães concorreria a uma vaga na Câmara Legislativa. É mais gente para comer o mesmo bolo. Satisfeito está Joaquim Roriz, que, enquanto vê a luta pelos pedaços com cobertura, pelas fatias recheadas, empanturra-se com bombons finos no andar de cima.

